1.º anno | Lisboa, 11 de agosto de 1884 | Numero 7

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; Gastão da Fonseca; D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Ha, para o chronista, uma situação bem mais embaraçosa que a falta d'assumpto:—aquella em que se vê forçado a luctar com um calor asphyxiante de trinta e seis graus á sombra, tendo a certeza de ficar vencido n'essa lucta titanica, esmagado e desfeito n'esse prelio com o invizivel abafadiço.

Nós achamo-nos precisamente na situação apontada, e debalde recorremos a todos os meios que em taes casos se prescrevem para triumphar da temperatura assassina.

Encaramo-l'a de frente, ingerindo com denodo heroico um sorvete do Ferrari, e nada.

Atacamo-l'a de espaldas, nas *brasseries*, com um copo de cerveja em punho, e a maldita não abranda os seus impetos.

Empregamos a *ruse*, de portas a dentro, mergulhando o corpo abrasado nas aguas da Companhia, e o monstro não se humanisa.

Simplificamos a *toilette* caseira até á expressão mais simples, e o thermometro impassivel não accusa nenhum refrigerio, diante da nossa quasi nudez.

Cerveja, neve, carapinhadas, agua do contador, vinho gelado, roupagens primitivas, *abanicos* andaluzes, capilés frios, orchatas consoladoras e trajes paradisiacos, de tudo o implacavel suão faz mofa, roubando-nos o alento para arriscar duas *blagues*.

D'este modo, a chronica deixa de ser a tribuna elegante, d'onde resalta um kaleidoscopo de factos alegres e de facecias graciosas, para se tornar n'um leito de Procusto, onde o calor nos inflige supplicios crueis e atrozes.

CRESCE E APPARECE! (Quadro de Rodolpho Epp)

Sob uma temperatura de 36 graus não se contam casos; emigra-se para Cintra ou toma-se bilhete de correspondencia na Porcalhota, e vae a gente dar um passeio até á Russia asiatica.

=Depois, que factos ha por ahi dignos de menção honrosa n'esta revista ligeira?

O cholera? E' assumpto estafado.

A politica? Ora adeus!

Escandalos? Nem um, que nos conste.

Suicidios? Ninguem se mata, na espectativa de que o microbio cholerico se encarregue d'isso, e todos continuam, bem ou mal, a fazer rolar o seu rochedo de Sisypho pela grande montanha da vida, até que a peste mofina venha visitar-nos.

Bailes? Houve um na *Villa* Albert, mas tão longe de nós, tão longe, que mal poderam chegar aos dominios da chronica os seus echos festivos, de envolta com o aroma quasi imperceptivel das rosas que por lá se desfolharam.

O principe real contradançou, imprimindo áquella festa da *haute-gomme* a nota alegre da sua mocidade em flôr e do seu fino espirito educado nos esplendores da elegancia. Foi este o maior attractivo do baile de Cintra, depois da formosura radiante das damas, é claro.

E que mais? O concerto dos Recreios regido pelo Filippe Duarte, e os ensaios do *Promesi Sposi*, dirigidos por outro Duarte que não se chama Filippe, mas que é commendador?

Estamos saturados de musica.

Theatros? E' verdade, os theatros. A proposito d'elles, lá vae uma noticia, ou antes, tres noticias:

Chegou a Pepa, a graciosa Pepa da *Niniche*. Vimo-l'a na Explanada, olhando sobranceira as *horisontaes* que borboleteavam de grupo em grupo. Está magrita, mas ainda lhe irradia dos olhos o fogo do talento. Traz gestos levemente abrasileirados, *toilettes* espaventosas, brilhantes caros, uma dama de companhia, *raide*, e duas creancinhas morenas.

Pepa promette-nos reapparecer no Principe Real, onde soube conquistar glorias immarcessiveis mas não poude nunca adornar o alvo collo com pedrarias de primeira agua.

Diz-se por ahi vagamente que a Margarida *loira*, uma outra actriz que fez epoca pela sua belleza diabolica e pelo seu talento promettedor, vae epilogar, n'aquelle mesmo theatro, uma existencia romanesca e aventurosa, constellada de episodios picantes.

No theatro de D. Maria consta-nos que debutara uma peccadora do mais alto *chic*, transviada das doçuras do matrimonio pelo diabinho tentador da Arte.

Antegozando as delicias d'essas tres estreias, que nos trazem espicaçada a curiosidade, pomos ponto na chronica verdadeiramente indigena, e vamos lançar uma vista d'olhos rapida pelo estrangeiro.

==Em França os homens politicos discutem o rompimento das hostilidades com o Celeste Imperio, e a Revisão constitucional, dois assumptos egualmente graves, que tresandam a polvora, a rabicho de chinez e a rhetorica parlamentar mais ou menos massuda.

Quanto ao conflicto com a China, estamos seguros de que elle acabará, fazendo a França resoar, diante do inimigo rebelde, a voz potente dos seus canhões de grosso calibre.

Pelo que respeita ás palestras revisionistas, é de crer que tenham por epilogo immediato... o não se rever coisa nenhuma com geito.

A imprensa litteraria de Paris investiga se a doutissima Academia anda correcta ou incorrectamente não se querendo fazer representar nas festas de George Sand, em Nohant.

Os admiradores de Diderot, por seu turno, festejam o centesimo anniversario da morte do celebre encyclopedista, inaugurando-lhe uma estatua em Langres, e expandindo, a proposito d'esse facto, uns enthusiasmos delirantes por largo tempo represados.

Ao que parece, a famosa George Sand da *Historia da minha vida*, a honesta e delicada authora da *Correspondencia* com Flaubert, a insigne romancista de fogo, que ateiou um incendio no mundo, escrevendo as paginas sublimes e sensibilisadoras da *Indiana*, da *Lelia* e da *Valentina*, paginas brilhantes de colorido, de paixão e de atticismo, não terá, junto da sua estatua, nenhum velho academico solemnemente engravatado honrando-lhe a memoria saudosissima com discursos banaes e hypocritas; mas, á falta d'isso, que é pouco e secundario e dispensavel, tem um povo inteiro, apaixonado pelas suas obras giganteseas, a proferir-lhe o nome immortal entre palavras de admiração profunda, bem mais eloquentes que os funebres elogios de todas as Academias e que os altos relevos de todos os monumentos.

A chronica, pelo seu caracter ligeiro pouco dado a investigações historicas, não póde aqui discutir se Diderot tinha os mesmos direitos que George Sand á veneração dos francezes e se devia, como ella, ser eternisado em marmore de Carrara.

No entretanto, confrontando as duas individualidades á luz das tradições e da critica, parece-lhe que o author da *Religiosa* está collocado muito abaixo do pedestal onde hoje se ergue a estatua da famosa *Baronne* Dudevant, envolta, pelo escopro inspirado de Millet, no seu manto de pedra.

George Sand foi crente e boa. Denis Diderot morreu sem absolvição, balbuciando, ao expirar, esta rude blasphemia:—«O primeiro passo para a philosophia é a incredulidade.»

A gloriosa authora do *Marquez de Villemer* teve o grande Victor Hugo a orvalhar-lhe de lagrimas a campa entreaberta, e a dizer, diante do seu athaude, «que panteava uma morta e saudava uma immortal».

Do azedo philosopho Diderot, o author do *Pae de familia*, ninguem disse coisa similhante, que nós saibamos. Em vez de lagrimas saudosas a rociarem-lhe o tumulo, conquistou este epitaphio gravado por Lamenais na sua biographia: «As obras de Diderot são um abysmo d'obscenidades. O seu nome asqueroso e infecto não deveria jamais exhumar-se do cemiterio do esquecimento!»

==Afóra estes assumptos, os francezes cuidam da organisação do Congresso em Versailles, a bella cidade de Luiz XIV, estudam o divorcio ultimamente votado, e elaboram projectos de lei contra a guilhotina ignominiosa. Ha quem lhe prefira o acido prussico, o garrote dos nossos visinhos de Hespanha e a forca singelissima da positiva Inglaterra, mas parece que o maior numero opta pela electricidade applicada ao systema legal de dar cabo da pelle.

Emquanto se não chega a um accordo definitivo sobre a materia, o cholera vae-se encarregando de dizimar a população do Meiodia da França, sem recorrer á guilhotina nem ás baterias electricas, e o jornalismo parisiense farta-se de repetir em todos os tons a estupida faceçia da moda:—*on dirait du veau!*

C. Dantas.

CONSELHOS PATERNOS

Filhos, sede leaes,
honestos, bons e crentes;
com os fracos indulgentes,
com os pobres liberaes.

Poupae ao triste os ais,
a pena aos innocentes,
e marchae diligentes
ao fim a que aspiraes.

Fazei por construir
no vosso lar um templo,
no amor um evangelho;

e procurae seguir,
nem sempre o meu exemplo,
mas sempre o meu conselho.

Christovam Ayres.

ALGUNS DOCUMENTOS CURIOSOS RELATIVOS Á REVOLUÇÃO DE 1820

Publicaram-se ultimamente dois volumes de uma obra extremamente curiosa, e que está destinada a lançar a mais viva luz em alguns factos ainda obscuros da nossa historia contemporanea. Referimo-nos aos *Documentos para a historia das côrtes geraes da nação portugueza*, diligentemente colleccionados pelo sr. conselheiro Clemente José dos Santos, director geral graduado da repartição tachygraphica da camara dos deputados, e que, já antes de ser encarregado d'este trabalho, gosava da merecidissima reputação de ser o archivo semovente da camara, archivo de consulta facil, e em cuja memoria se encontravam sempre todos os elementos que se lhe pediam, e em cujo espirito luminoso se encontrava sempre um guia seguro para a direcção a dar a quaesquer investigações.

A obra, que está publicando agora, é extremamente curiosa e interessante, e a ella iremos colher algumas indicações não politicas, porque nem o jornal, nem a situação de quem escreve o artigo lhe permittem fazer agora commentarios, que, embora tivessem um caracter exclusivamente historico, hoje se explorariam ainda debaixo do ponto de vista politico. Tarde começa a historia a poder adquirir aquella serenidade ineffavel e sublime, que transparece na sua magnifica estatua do monumento Sá da Bandeira. Annos e annos ainda depois de realisados os acontecimentos, convulsiona-lhe as feições a vibração da paixão politica.

Litterariamente são esses documentos de muito curiosa analyse Nas proclamações e manifestos que se trocaram entre esses homens realmente heroicos e o povo e a antiga regencia já é delicioso ver a quantidade de epithetos carinhosos que de um e de outro lado se dirigem a el-rei D. João VI. «O nosso bom e adoravel soberano» é a phrase que se encontra a cada instante nas proclamações da junta do Porto. Ha uma que lhe chama «o nosso amavel soberano».

De um e de outro lado fervem as apostrophes n'aquelle estylo declamatorio que estava muito no gosto da epocha, e de que se encontram vestigios em França, no periodo revolucionario de 89. Roma e Grecia estavam então na ordem do dia, e por isso não

admira que já, n'uma proclamação, se chamasse a Antonio da Silveira o «Catão portuguez». Outro dirigia-se aos manes de Viriato, e dizia-lhes que não vestissem lucto. Lendo aquelles documentos, parece que estamos a ver esses honrados patriotas, de enormes gravatas, e de calção, e de casacas de briche, a reunirem-se ás oito horas da manhã para deliberarem sobre os negocios publicos. Manes de Fernandes Thomaz, diremos nós tambem, nem para a mais justa das revoluções encontrarieis essa gente levantada ás oito horas da manhã!

Fazendo contraste com estas proclamações floridas e empoladas, cheias de reminiscencias classicas, ha outras evidentemente de tarimbeiros, que são de uma brutalidade um pouco imprevista em documento de natureza official. Tal era a proclamação do tenente-general Antonio Marcellino da Victoria aos povos da Beira que elle governava. Devemos dizer, para esclarecimento do assumpto, que nem o general Victoria nem o conde de Amarante, que governava Traz-os-Montes, tinham adherido á revolta do Porto.

Marcellino da Victoria diz então aos Beirões:

«Só lhes devo trazer á memoria aquellas proclamações ou *palanfrorios* com que Bonaparte nos promettia todo o bem, porém causava-nos todo o mal. Todos são testemunhas d'estes enganos, e por isso é que eu peço se não deixem illudir e enganar por taes papeis, e que todos são cavillosos.

Viva el-rei nosso senhor! viva el-rei nosso senhor! viva el rei nosso senhor!»

Pouco eloquente, mas convencido, como se vê! O peior é que o povo não ouvia senão gritos de «viva el-rei nosso senhor» de ambos os lados. A junta do Porto chamava a D. João VI o nosso adorado soberano, a regencia de Lisboa chamava-lhe o mais amado de todos os reis.

Parecia que os dois partidos disputavam entre si o rei ausente, como dois rivaes podem disputar entre si a posse do objecto amado, e não havia madrigaes que lhe não rendessem.

Entre todos esses proclamadores, que faziam voar os manifestos de um lado ao outro do paiz, tinham um feitio especial os dois coroneis dos regimentos do Porto, que haviam iniciado a revolução, e feitios tão similhantes que desconfiamos que era o mesmo secretario quem lhes redigia as proclamações. Esse secretario devia ser amador da boa litteratura, porque não havia proclamação em que não citasse versos, modificando-os tambem, ás vezes, conforme o requeriam as circumstancias. Era assim que punha na bocca de Sepulveda, dirigindo-se aos seus soldados, as seguintes phrases pomposas:

«Camaradas! União, obediencia, valor e perseverança. Lisboa nos espera: nossos irmãos de armas nos acenam, e a immortalidade nos aguarda.

Se o desterrado e illustre vate portuguez cantou com enthusiasmo que ao maior povo do mundo

> Nos magnanimos peitos ferve e estoira
> Ancia briosa de metter os hombros
> A' conquista da cara liberdade.
> Escravos hontem, são romanos hoje.

«Appropriando-se a nós esta descriptiva deliberação de patriotismo de um povo nobre e bellicoso, digamos com o enthusiasmo patriotico de verdadeiros portuguezes,

> Escravos hontem, somos lusos hoje.»

E, entretanto, Bernardo de Sepulveda, provavelmente servindo-se da mesma penna, dizia aos Portuguezes:

«Vigiae cuidadosos vossos interesses, vossa segurança. Taes são os meus sinceros votos

> Eu d'esta gloria só fico contente,
> Que a minha patria amei e a minha gente.»

Entre todos estes documentos officiaes, documentos curiosissimos, que revelam, debaixo das formas declamatorias d'esse tempo, o ardor do sentimento que animava os iniciadores da Revolução, ha um escripto n'uma forma familiar, que é tambem digno de ser registrado. E' a participação official que fez o conde de Rezende dos acontecimentos de 15 de setembro em Lisboa.

O conde d. Rezende começa o officio da seguinte fórma:

«No dia 14 do corrente, estando em minha casa (coisa muito usual, tanto pelo meu genio melancholico, como por afflicções domesticas que ha annos me perseguem e molestias) chegou um soldado de policia com um officio do ajudante-general etc.»

Conta depois como, tendo sido encarregado de impedir que a guarnição de Lisboa se reunisse no Rocio, tivera, pelo contrario, de se pôr á sua frente, e de se deixar nomear governador do reino, apesar do seu genio melancholico, das suas afflicções domesticas e das suas doenças. E não se julgue que elle disfarçava o seu verdadeiro sentimento. Na revolução de 1820, como em todas as grandes revoluções, foram muitas vezes os menos revolucionarios impellidos pelo povo a tomar a sua direcção, e outras vezes os principaes revolucionarios, os que tinham dado o impulso ao movimento, foram sacudidos pela onda que lhes passava por cima.

E' eloquente, é cheia de grandes ensinamentos e de curiosas revelações a collecção dos documentos habilmente coordenados pelo sr. Clemente José dos Santos. Mais d'uma vez iremos colher a esse riquissimo repositorio os elementos necessarios para expôrmos á sua verdadeira luz algum acontecimento importante da nossa historia contemporanea. Hoje apenas debicámos, colhendo aqui ou além uma ou outra curiosidade litteraria.

PINHEIRO CHAGAS.

DE NOITE

> Desceu de ha muito a noite silenciosa.
> A lua, como um lyrio immaculado,
> Abre o calix d'amor, urna saudosa,
> No azul d'astros serenos cravejado.
>
> Quem me déra sonhar o meu noivado
> N'aquella estancia doce e luminosa,
> E aspirar-te os perfumes, branca rosa,
> Longe das garras cruas do peccado.
>
> Talvez que, se eu vivesse n'esses mundos,
> Calados, cheios de segredos fundos,
> Te seguisse do alto dos espaços,
>
> E, estrella ou nuvem solitaria, um dia
> Cahira inerte, inanimada e fria
> No abysmo luminoso dos teus braços.

JOAQUIM DE ARAUJO.

AS NOSSAS GRAVURAS

CRESCE E APPARECE!

(Quadro de Rodolpho Epp)

Dez leguas em redondo, não se encontra, pelas aldeias proximas uma serranasinha mais formosa.

Vejam aquella perfeição!

Olhos negros e rasgados, cabellos fartos, d'azeviche, desenrolando-se pelas faces morenas n'um desalinho artistico, braços roliços e curvas graciosas precocemente desenvolvidas...

E' pequena ainda, mas já olha para a sombra com uma garridice de mulher feita; e, aos domingos, adorna a cabecita airosa com laços bem talhados e flores do mais bello perfume.

Os velhotes do sitio, quando ella assoma á sua beira, radiante de mocidade e cheia de frescura, dizem-lhe sorrindo:—Bemza-te Deus!

Os rapazes, antegozando o prazer que lhes dará um simples olhar da bella morenita, quando ella tenha mais dois ou tres annos por cima, lambem os beiços e segredam-lhe na passagem·

—Cresce e apparece!

DOIS BONS CAMARADAS

(Quadro de Carl Froschl)

A melhor amiga d'aquella gentil creança é a cabrinha que lhe encosta humildemente o focinho no collo, saboreando as golodices ministradas pela sua mão pequenita e acariciadora.

A' tarde correm ambas pelas estreitas aléas do hortejo, retouçando alegremente; e ás vezes, quando a noite chega, vão encontrar as duas dormindo um placido somno, muito aconchegadinhas, sobre o talude relvoso que conduz á estrada.

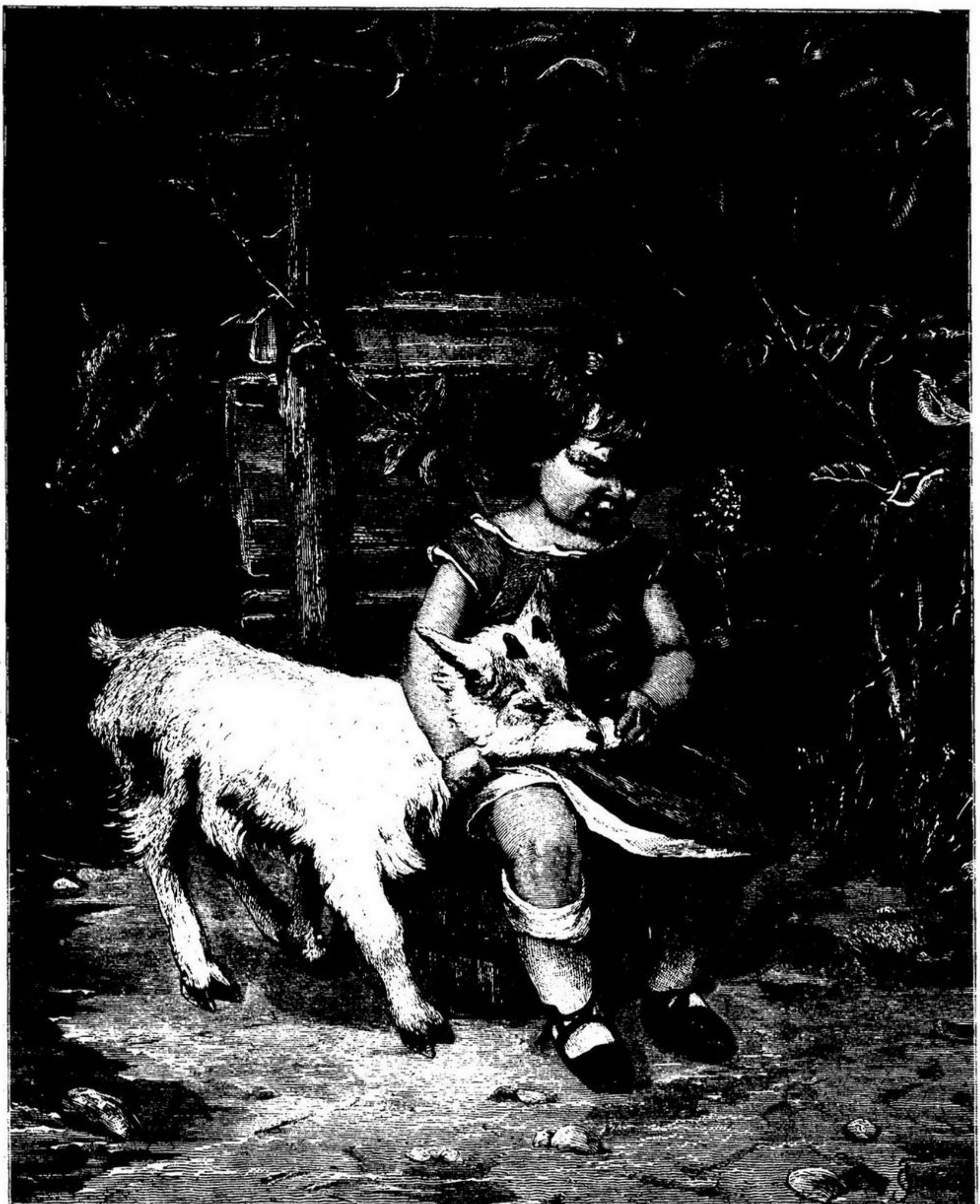
Dois bons camaradas, o que um come come o outro; prodigalisam-se caricias affectuosas, e o lindo animalsinho paga em meigas lambeduras pelas mãos e pelas faces da juvenil companheira, os beijos com que esta a anima durante o dia.

São taes as festas e os affagos, que até a mãe da cabrinha mimosa chega a ter ciumes, vindo ás vezes intrometter-se n'aquelles idyllios, como quem diz:

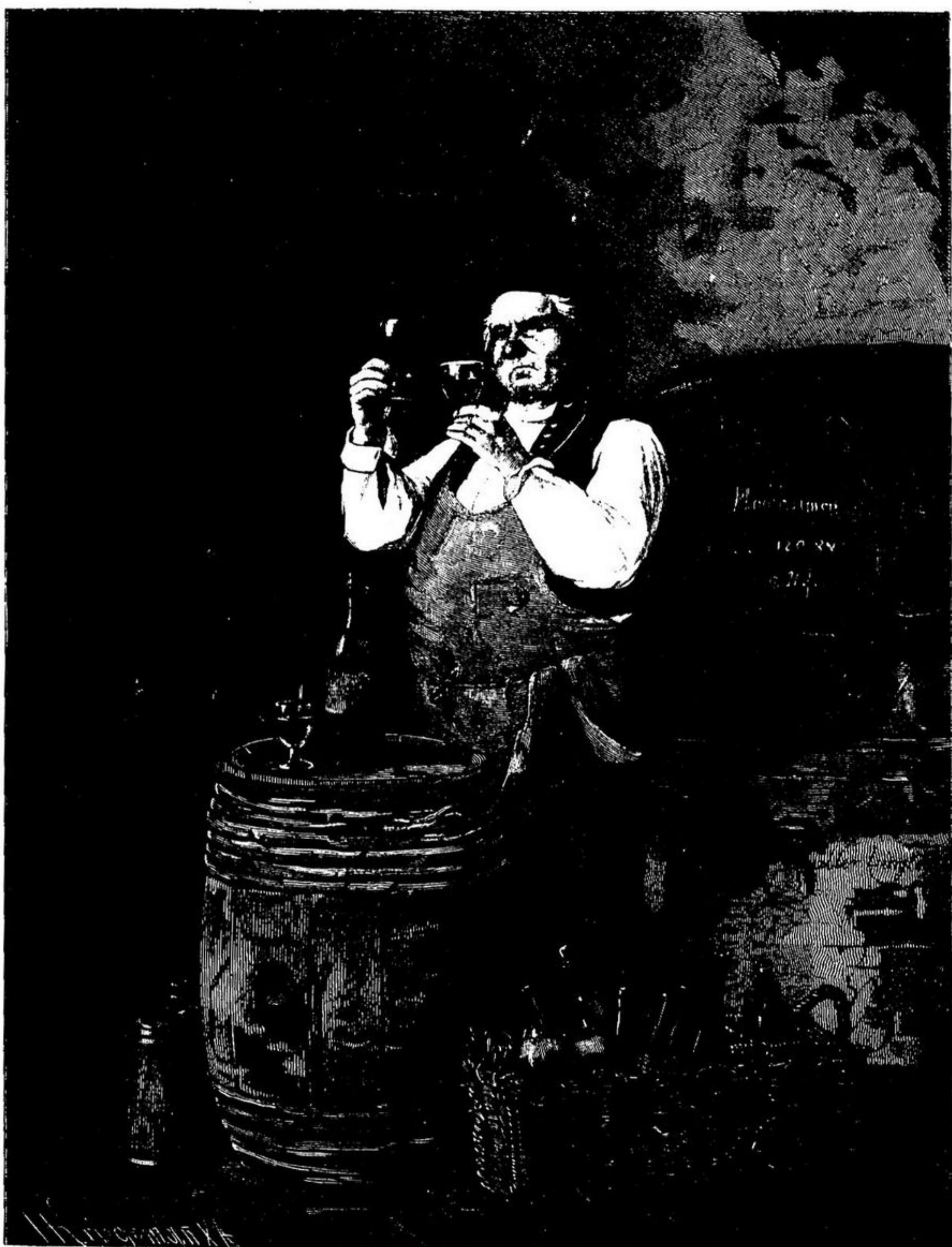
—E eu, onde fico?

A PROVA DOS VINHOS

Entendido na materia, aquelle anafado velhote de côres sadias e abdomen sacerdotal conhece pelo olhar ou pelo cheiro qual é o melhor nectar da adega. Os seus olhos experientes e a sua pituitaria sensivel não se enganam nunca tomando gato por lebre. Em todo o caso, isto não o impede de recorrer a outros meios de prova, que menos duvidas lhe deixem no espirito e no estomago.

Quando se apanha sósinho, entre o seu exercito bem alinhado de toneis, de barris e de quartolas, no fresco ambiente da adega, faz mais do que cheirar e ver; não se limita ao simples namoro do

DOIS BONS CAMARADAS (Quadro de Carl Froschl)

A TOCADORA DE GUITARRA

(Quadro de Parker)

A PROVA DOS VINHOS

saboroso Falerno: esvazia primeiro um copo, depois uma garrafa, em seguida um cangirão, e só assim é que se convence da excellencia da pinga.

As mais das vezes não fica inteiramente convencido, e repete a operação no dia seguinte, para poder dizer a si mesmo a ultima palavra sobre o caso.

A TOCADORA DE GUITARRA

(Quadro de Parker)

Podia ter aprendido a tocar piano, mas não quiz: é banal e rocócó; representa o instrumento da decadencia: symbolisa as meninas da burguesia indigena com todos os seus ridiculos: corre parelhas com o realejo desafinado e lamurento, que os napolitanos nomades passeiam por toda a parte, de villa em villa, de aldeia em aldeia.

Sentindo um profundo horror por esse paspalho macrobio das salas do *demi-monde*, atirou-se á guitarra elegante, e agora a vereis dedilhar, com mão experimentada, aquellas cordas sonorosas, d'onde se desprendem as languidas harmonias do *corridinho* e os arrebatadores compassos das valsas de Strauss.

UMA CASCATA DO RIO PARAHIBA, (BRAZIL

O rio Parahiba é um dos mais caudalosos que atravessam a provincia do Rio de Janeiro.

Em varios pontos do seu longo curso tem admiraveis quedas, e forma enseadas deliciosamente pittorescas.

A nossa estampa representa um dos prodigiosos saltos d'aquella massa enorme de agua, apertada entre duas soberbas montanhas, cobertas de florestas impenetraveis.

Depois da queda espraia-se n'um lago de mais de tres kilometros de largura.

O rio Parahiba atravessa, na maior parte do seu curso, dilatadas planicies de perpetua verdura, e magnificas florestas.

C. D

O VÉU

I

Ella achava-o meigo e encantador, extasiava-se na demorada contemplação dos seus grandes olhos negros, que a envolviam de chammas apaixonadas. Mas isto era pouco ainda: não lhe bastava vel-o empallidecer a uma palavra que se desprendesse dos seus labios, tremer ao contacto da sua pequenina mão setinosa...: queria mais: desejava que elle arriscasse a vida para satisfazer um dos seus caprichos. Só assim se reputaria amada...

II

Caminham ambos, silenciosos, á beira-mar, sobre uma fila de rochedos ingremes e escalvados. Nos olhos claros d'ella accendem-se de repente faiscações crueis. No seu diabolico sorriso ha um não sei quê de estranho e infernal...

Desatando um comprido véu branco que se enrola em volta do seu chapeu de palha d'Italia, estende-o por sobre o precipicio sem fundo e abandona-o ao vento. O ligeiro tecido fluctua como uma aza d'aguia no azul intenso do ar, e vae pousar-se na ponta de um rochedo inabordavel.

III

Então, no grande silencio d'aquella paragem solitaria, ouve-se a sua doce voz murmurar suavemente: «Se me tivesses amor, irias buscal-o!...»

Sem lhe responder, elle contempla-a um instante e vendo que ella o expõe assim a uma morte certa, o seu coração fecha-se ao amor, torna-se frio e insensivel como a neve das altas montanhas. O medo, porém, não o assalta. Resoluto e audacioso, lança-se no abysmo, similhando um Archanjo em pleno céu...

IV

Que força desconhecida o sustém? Que protecção ignota o ampara?... As anfractuosidades do rochedo não lhe rasgam as carnes; o seu pé não escorrega, indeciso e vacillante, no musgo das toscas pedras. Está salvo!

N'um impeto vigoroso, trazendo ainda impressa nos olhos a visão sinistra da morte, consegue alcançar o ponto d'onde se despenhára... Na sua mão trémula fluctua o véu branco da amante cruel.

Ella, triumphante, com um sorriso nos labios, e, d'esta vez, verdadeiramente apaixonada, vae agradecer-lhe, estendendo os braços. Mas elle repelle-a e foge, dizendo:—Não! Sou eu quem lhe devo reconhecimento. O meu amor morreu!

SANTILHANA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

FLORENCIO FERREIRA JUNIOR.—Sim senhor: a sua charada é boa e o enygma póde passar, áparte o desenho.

ANTONIO C. DA SILVA.—Versos e charadas, uma desgraça. Mande melhor e será servido.

CARMO E SOUSA.—Recebemos e agradecemos. Hão de ter a sua vez.

A. MARIA DO REGO.—Muito bem. Como charadista é dos primeiros. Continue.

D.—A solução do seu problema do *regimento* não nos satisfez. Fica de remissa.

TIBURCIO.—O problema n.º 2 do Xadrez é o final de um jogo entre dois amadores,—Cochrane e outro,—que se encontra no *Chess Praxis de Staunton*.

A solução apresentada no nosso ultimo numero é a do livro, não tendo nós visto o movimento a que v. ex.ª se refere, por julgarmos certa a solução. A culpa cabe, portanto, ao livro citado.

O movimento que aponta é effectivamente o melhor, e o mate não póde dar-se em tres lances.

TOM POUCE.

CHARADAS

Esta repetição é medida por este instrumento—2—2.

Cuba. ADELINO

Pelo correio corre este homem—2—2.
Em casa d'esta coxa ha uma cidade—2—2

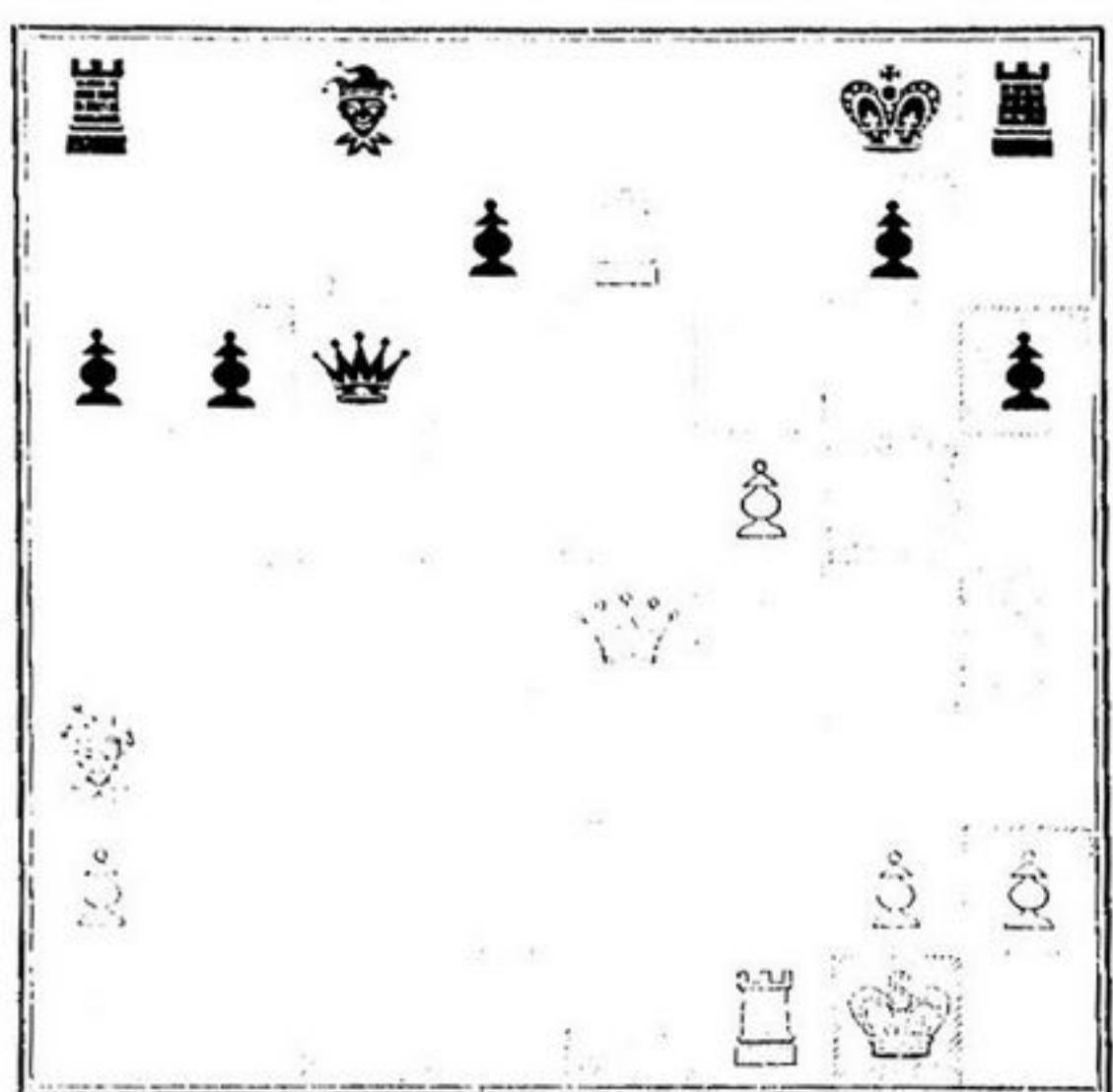
H. RODRIGÃO.

Defende e salva, se podes—2
ao que n'esta vá cair—2
que póde bem, não o nego,
recreiar e instruir.

Reguengos. J. A. MARQUES.

XADREZ

PROBLEMA N.º 4

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

PROBLEMA

Dividir a figura formada por tres quadrados eguaes e justapostos, em quatro partes sobreponiveis. Achar alguma das figuras formadas pela reunião d'estas quatro partes.

MORAES D'ALMEIDA.

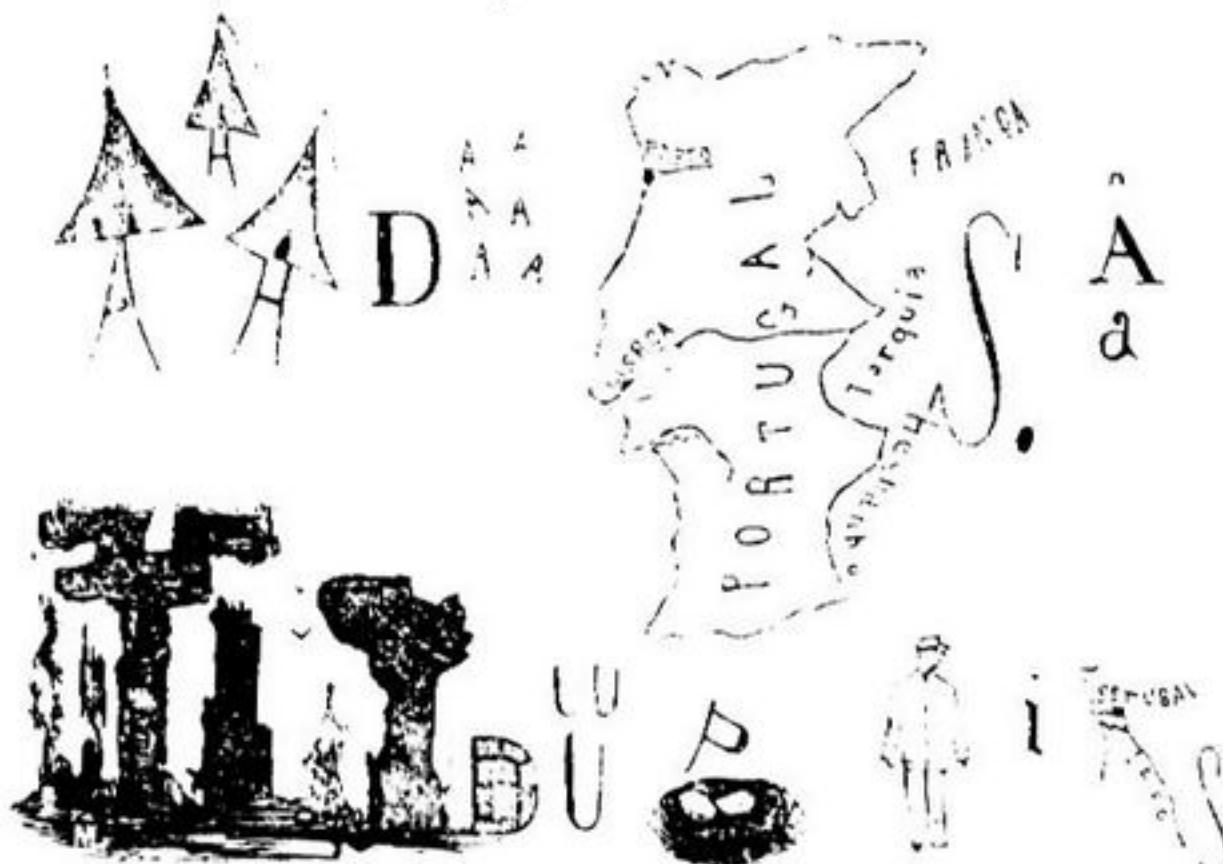
LOGOGRIPHO

N'esta ilha eu aportei:—3—11—1—9—6
e com grande espanto meu—3—2—6—6—7—6
encontrei um animal—10—12—8—10—5
que par'cia vir do ceu.—1—9—6—3—4

E' uma sciencia o conceito,
Sciencia pouco vulgar.
Já te dei, caro leitor,
Um clarão p'ra adivinhar.

Cuba. ADELINO.

ENYGMA PITTORESCO

N.º 5

MIGUEL.

A RIR

X... usa na lapella da sobrecasaca uma fita vermelha, de cavalleiro de Christo, muito larga e não menos comprida.
Um amigo encontra-o no Chiado, e diz-lhe:
—Ainda bem que te vejo; preciso fazer-te uma pergunta.
—Estou ás tuas ordens.
—Onde compras esses *cache-nez* da ordem de Christo?

*

O creado do marquez de L... traz constantemente uma gravata branca, enormissima.
Perguntando-se ao patrão o porque d'esta excentricidade, responde:
—É para poder ver bem onde lhe principia a cabeça.

*

—E' espantoso como se morre!
—Comtanto que não sejamos nós!...
—Não peço tanto, meu caro: comtanto que não seja eu!...

*

Um dito, que póde não ser novo, mas que é muito pratico:
—Disseram-me que ias associar-te com o Gastão. E' certo?
—E'.
—E com que entras tu n'esse negocio?
—Entro com a minha experiencia e Gastão fornece o capital. A nossa sociedade deve durar tres annos: no fim d'esse tempo, elle terá a minha experiencia e eu terei o seu capital.

DECIFRAÇÕES

Das charadas.

1.ª—Paulo
2.ª—Pachá
3.ª—Camarim
4.ª—Ave-Maria

Da fuga de consoantes:

Sympathia é um sentimento,
que nasce n'um só momento
sincero no coração.
São dois olhares accesos,
bem juntos, unidos, presos,
n'uma magica attracção.

Sympathia são dois galhos
banhados de bons orvalhos
nas mangueiras do jardim,
bem longe ás vezes nascidos,
mas que se juntam crescidos
e que se abraçam por fim.

CASIMIRO DE ABREU.

(As Primaveras).

Xadrez—Solução do 3.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. P. 7 T. R. cheque.	1. T. toma P.
2. C. toma T.	2. P. 7 T. D.
3. B. 7 C. R.	3. P. 8 T. D. e faz dama.
4. C. 6 B. R. cheque e mate.	

Do problema:
As figuras 1 e 2 indicam o modo de dividir o rectangulo proposto em duas partes eguaes, que reunidas formem um quadrado.

FIGURA 1

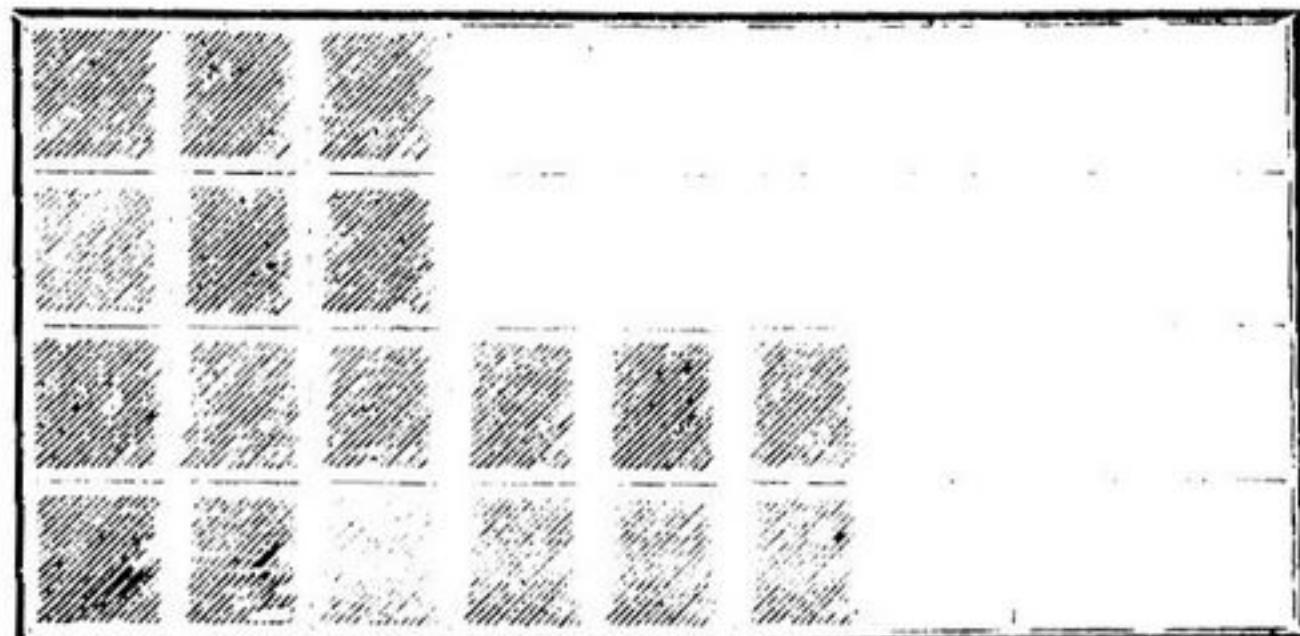
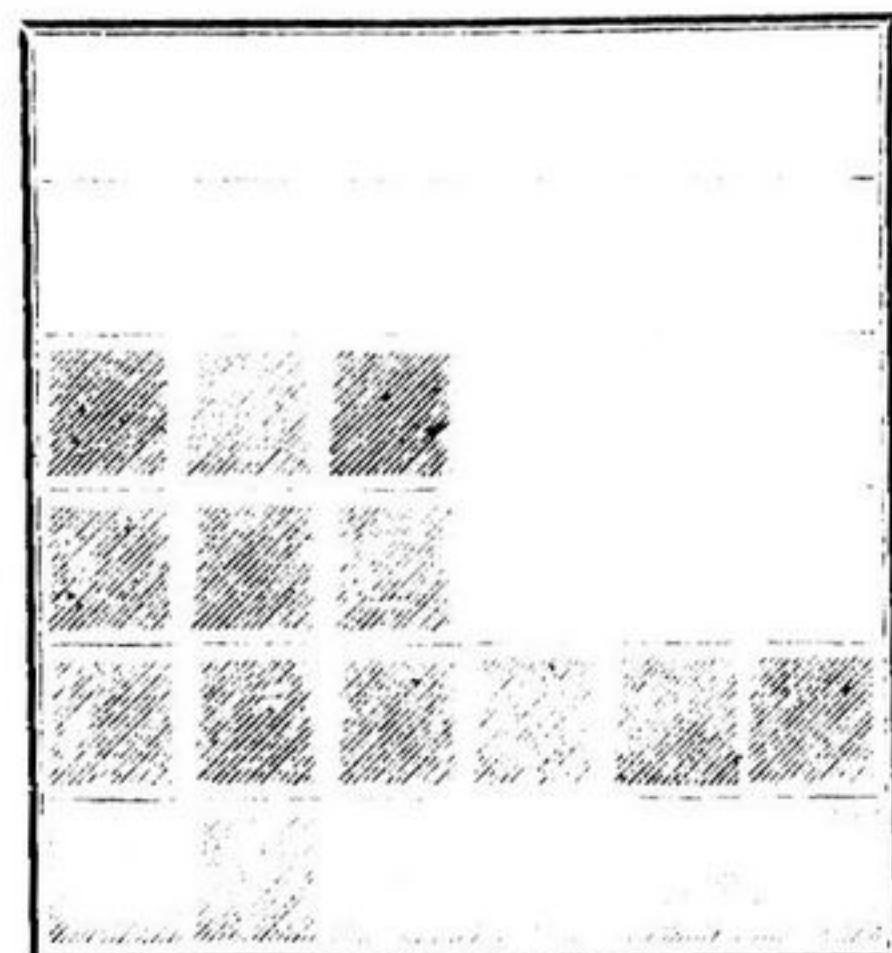



FIGURA 2

UM CONSELHO POR SEMANA

CONSERVAÇÃO DO LEITE

Durante a estação calmosa pode conservar-se o leite por muitos dias, deitando em cada litro uma gramma d'acido borico. A presença d'este acido não pode de modo algum ser prejudicial ao leite nem nociva á saude.

A COZINHA DOS ANJOS

(DE CATULLE MENDÉS)

Uma d'estas tardes, acabava eu de chegar ao alto da collina, quando vi de repente um Anjo, pousado no tecto de ardosia da capella.

A' primeira vista, poderia tomar-se a fórma branca e fluctuante por um véu de neblina, atirado para ali por um pé de vento; mas não é em vão que os olhares dos poetas estão habituados a descobrir as realidades celestes, occultas sob a falsa apparencia das illusões: reconheci logo que era um Anjo.

Estava assentado em um dos braços da cruz, immovel, com a fronte curvada para o valle; as suas azas brancas pendentes, assimilhavam-se aos braços de uma donzella, cruzando-se no seio.

Como é muito raro encontrar na terra um ser paradisiaco, entendi que devia aproveitar o ensejo para esclarecer algumas duvidas que me restavam, ácerca da natureza e costumes angelicos; approximei-me, pois, do filho da luz, resolvido a interrogal-o.

Mas opprimia-me um receio.

Que titulo lhe daria eu?

Que posto teria elle conquistado nas divinas milicias?

A qual das tres hierarchias pertenceria?

Deveria chamar-lhe Archanjo, Seraphim, Cherubim?

Quem sabe se ao ruido dos meus passos, ao som das minhas palavras, elle bateria as azas e voaria, deixando no ar um rastro luminoso e logo extincto, e na minha alma um sonho?

Contra a minha espectativa, o anjo não fugiu; comquanto não levantasse a cabeça, pareceu-me notar-lhe no cabello de oiro um imperceptivel movimento.

Animado, dobrei o joelho, e, tratando-o por Espirito Celeste, dispuz-me a fazer-lhe a pergunta que me queimava os labios.

Alimentam-se os anjos? e, no caso affirmativo, o que comeriam elles? Problema capital, objecto de tantas controversias!

Julius Sperberus assevera, um pouco á tôa, que os anjos se sustentam de ambrosia e maná; Jacob Bœhme, no capitulo relativo ás sete qualidades adstringentes de Deus, mette a ridiculo o pseudo-*menu* de Sperberus; Jane Pordage, depois de pesar os prós e contras, não sabe o que ha de resolver.

Era evidente que havia uma tal ou qual irreverencia em importunar com similhante pergunta uma creatura immaterial, como se se tratasse de um papagaio, a quem a gente diz:

«Almoçaste, meu loiro?»

O Anjo, porém, não se mostrou offendido, e, com uma voz musical, feita de harmonia e de claridade, respondeu:

*

«Sim, como os passaros e as creanças, como as borboletas e as mulheres, nós alimentamo-nos, eu e meus irmãos; mas o nosso sustento não se assemelha áquelle em que se deleita o grosseiro appetite dos homens e dos animaes. Não julgues, entretanto, que as estrellas sejam fructos milagrosos, cobertos de cascas de ouro, nem que a nossa comida se componha do perfume das flores paradisiacas, ou do radioso leite da via lactea. O nosso alimento—oh! privilegiado goso!...—é o halito das virgens da terra. Eis a que é destinado o sopro dos castos labios, que nenhuma bocca beijou. Elle sobe intacto, distincto entre todos os aromas, e cada anjo que o absorve aspira a alma vaporisada de uma creança.

São os nossos deliciosos festins, os nossos incomparaveis agapes! A vida alada das ephemeras donzellas, alimenta a nossa perpetua existencia. Algumas vezes, succede que a respiração de uma virgem, sopro debil, subtil e delicado, não póde elevar-se até ao paraizo que o aguarda: então, o Anjo a quem elle é destinado, vôa, desce ao vosso mundo para o colher nos labios que o exhalam, como uma mulher curvando-se para aspirar uma flôr.»

*

Depois de ter agradecido ao Anjo a condescendencia que elle me testemunhou, ousei ainda perguntar-lhe:

«Nenhuma outra respiração, a não ser a das immaculadas, póde alimental-os?»

—Nenhuma, volveu o seraphim.

—Pois não lhes seria agradavel aspirarem o delicioso aroma que evaporam, como rosas abertas, as boccas das nossas esposas?

O anjo teve um gesto de desdem, quasi de despreso.

Julguei prudente não insistir, limitei-me a insinuar, com um começo de familiaridade, que nada tinha de offensivo:

«Se eu comprehendi bem o que se dignou revelar-me, deprehendo que terá descido esta noite, á hora da comida, attrahido pelo desejo de aspirar o halito de alguma menina?»

—Não te enganas, retorquiu sorrindo o espirito celeste. Durante o tempo que me ouviste senti inundar-me uma ineffavel frescura, que me penetra e extasia. Ella está adormecida, branca como o seu pequeno leito de neve, guardado por uma cruz. Dorme e não sonha; e a sua respiração, o meu doce alimento, rumoreja-lhe nos labios como o longiquo zumbido de uma abelha! Nunca ella levantou os olhos para os galanteadores que a adulam, e tarde soará a hora em que o beijo de um esposo macule a sua casta bocca. E' tão pura, que não quiz nunca saber o motivo porque as outras raparigas contemplam, com o rubor nas faces e um relampago de inveja nos olhos, as noivas que sahem da egreja pelo braço dos seus maridos; quando se deita, abraça-se á boneca, estendida ao lado d'ella, e diz-lhe: «Boa noite, irmãsinha!» Neve immaculada, lyrio alvissimo, a tua ideal pureza não chegará nunca a attingir a immaterial candura de um leito de virgem!...»

*

Fallando assim, o Anjo parecia experimentar uma ventura infinita; transluzia na expressão do seu rosto,—se é licito comparar os gosos divinos com os prazeres humanos,—o visivel bem estar do gastronomo, ao saborear uma delicada iguaria.

De subito, o celestial goloso fez uma careta, que me surprehendeu.

Por acaso teria o adoravel manjar soffrido alguma alteração? Seria possivel que um beijo imprevisto (cruel hypothese!) houvesse interrompido a ceia do Anjo?

Dispunha-me a interrogal-o, quando, de repente, o vi desdobrar as azas e desapparecer no azul!

Afastei-me, convicto de que o regimen alimentar dos Espiritos Celestes não deixa de estar sujeito a terriveis inconvenientes; e de que será sempre bom que os anjos guardem, de reserva, dois ou tres *menus*, aliás succeder-lhes-ha, não raro, deitarem-se sem terem ceiado.

Esmeralda.

UMA CASCATA DO RIO PARAHIBA. (BRAZIL)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros...	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa